

Três Poetas (*)

Ernesto Leme

Senhores:

Aos 15 de novembro de 1892, o carinho dos moços academicos inaugurava, na frontaria desta Faculdade, por iniciativa de CESAR BIERRENBACH, as lápides em que se inscreviam os nomes de tres grandes poetas, que por aqui passaram — ALVARES DE AZEVEDO, FAGUNDES VARELLA e CASTRO ALVES.

O barro, em que se batera a antiga casa de estudo, não podia durar eternamente. Ruiram, um dia, as velhas paredes, levando consigo um século de tradições venerandas, para que sobre o mesmo sólo sagrado se erguessem os muros do novo edificio, em que se guardaram as linhas do vetusto cenóbio franciscano. E, no frontespicio da nova Academia, antes mesmo que a construção por inteiro se conclúa, voltam a ocupar os seus lugares as mesmas placas de mármore, que ha quarenta e nove anos assinalam esta Faculdade como o pousa do Sonho e da Poesia.

Não ha estranhar-se que numa escola, consagrada ao direito, se perpetúe a memoria de tres estudantes, cujos nomes se insculpiram, nos fastos da literatura nacional, como altissimos poetas. Filhos destas arcadas, onde passaram uma fase de sua existencia, assás breve, para todos êles, o que aumenta a significação da obra, que nos legaram, a sua gloria é um patrimonio desta casa e a sua lembrança é um exemplo, para as gerações que por aqui se sucedem.

(*) Discurso proferido na Faculdade de Direito, a 17 de agosto de 1941, ao serem recolocadas as placas em homenagem a Alvares de Azevedo, Fagundes Varella e Castro Alves.

Não têm hoje os grandes vates, para fazer o seu elogio, a eloquencia cintilante de BRASÍLIO MACHADO, nem o prestígio de AURELIANO COUTINHO, nem a inspiração de CESAR BIERRENBACH, nem a finura do então estudante MAGALHÃES DE AZEREDO. Dentre esses eleitos da intelligencia, tres já se foram, deixando um estendal de luz, em sua trajetoria pela terra. Sómente o ultimo ainda vive, após uma fulgurante carreira diplomatica, esculpindo, em versos imorredouros, a reputação de um dos mais puros parnasianos, de que o Brasil se orgulha.

O destino cruel não consentiu que esta festividade tivesse o brilho da palavra de ALCANTARA MACHADO, designado anteriormente para expressar a solidariedade da Congregação dos professores deste instituto ao júbilo da classe academica, pela reposição das placas comemorativas dos tres poetas eminentissimos. Bem percebeis, senhores, o meu embaraço, recolhendo de tão excelso mestre e exímio homem de letras, a herança de uma representação dessa responsabilidade. Permitti-me, pois, que reverente me incline, recitando o — *Domine, non sum dignus...*

Diversos em sua formação mental, nas tendencias de sua arte, nas diretrizes de sua carreira, tiveram AZEVEDO, VARELLA e CASTRO ALVES, a identidade da mesma predestinação. Mortos em plena juventude, aos vinte e um, aos trinta e tres e aos vinte e quatro anos, disputam-se o principado das Musas, nesta Academia.

Precedeu a todos ALVARES DE AZEVEDO, “o primeiro mító de nossa teogonia”, na linguagem de CESAR BIERRENBACH. VARELLA e CASTRO ALVES encontraram aqui bem viva a sua tradição, quando vieram cursar as aulas da velha Faculdade, em 1862, e em 1868. “Eis-me em São Paulo”, escrevia CASTRO ALVES, logo ao chegar, “na terra de AZEVEDO, na bela cidade das névoas e das mantilhas, no sólo que casa Heidelberg com a Andalusia”. Depara aqui uma cidade morta, de que esta escola era o unico centro de irradiação:

“...casas que parecem feitas antes do mundo, tanto são pretas; ruas, que parecem feitas depois do mundo — tanto são desertas”... VARELLA sente sobre si projetar-se a sombra de Macario, buscando inspiração, na “Noite na taverna”, para as suas “Ruínas da Gloria”.

Os vates das “Vozes da América” e das “Espumas Flutuantes” estimam-se e mutuamente se compreendem: sente-se, no moço baiano, a marca do lirismo de VARELLA, como se percebe, no bardo fluminense, o desejo de alçar os remígio, como CASTRO ALVES, em seus arroubos de condor. .

Poeta subjetivo, de uma sensibilidade doentia, não teve MANUEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO o tempo suficiente para demonstrar todas as suas possibilidades artisticas. Na apreciação justa de ESCRAGNOLLE DORIA, citado por VICENTE DE AZEVEDO, (*Alvares de Azevedo*, p. 152), “deixou-nos o lindo, o maravilhoso, o férvido prefacio de uma grande obra, cosida às pressas pelo destino, e odiosamente rasgado de cima para baixo”.

Morrendo aos vinte e um anos incompletos, legou-nos a herança literaria de um genio, que a si proprio se buscava, modelando em barro grosseiro o seu perfil para a posteridade. Aquele rapaz, que outróra vivia numa ilha da Albion, e “que não encontrava encanto nas sendas da Virtude”, nos versos de BYRON, não era propriamente o ideal com que sonhava o grande poeta paulista, educado na ternura de um lar venerando, entre os cuidados de uma mãe amantissima e de irmãs, que o idolatravam. Sua delicadeza quase feminina, sua sensibilidade aguçada pela preciencia da morte, que se avizinhava, não lhe consentiam contacto com as asperezas de Childe-Harold, nem com a brutalidade da existencia de seu creador . .

“Ao pé das aras, ao clarão dos cirios,
Eu te devêra consagrar meus dias.
Perdão, meu Deus! perdão.
Se neguei meu Senhor nos meus delirios
E um canto de enganosas melodias
Levou meu coração!”

A morte foi a sua obsessão de todas as horas:

“A minha alma só canta a sepultura”,

querendo que a vida se lhe esvaisse docemente,

“Invejo as flores que murchando morrem”.

E embora procure iludir-se a si proprio, nas paginas de “Eutanásia”: “E quem to disse — que a morte é a noite escura e fria, o leito de terra úmida, a podridão e o lodo? Quem to disse — que a morte não era mais bela que as flores sem cheiro da infancia, que os perfumes peregrinos e sem flores da adolescencia? Quem to disse — que a vida não é uma mentira? — que a morte não é o leito das trêmulas venturas?” — sente-se o amargor com que percebe a aproximação do instante supremo, destruindo os sonhos de sua ardorosa juventude:

“Quanta gloria pressinto em meu futuro
Que aurora de porvir e que manhã!”

E quando, na tarde de 25 de abril de 1852, sente que a hora terrivel se aproxima, ergue-se no leito, recosta-se aos braços de seu irmão JOAQUIM IGNACIO e, osculando a mão de seu progenitor, a quem fita com extremos de carinho, murmura, antecipando-se ao juízo do futuro: “Que fatalidade, meu pai!”

A influencia de BYRON sobre AZEVEDO vai repercutir, mais tarde, nesse eleito das Musas, cujo centenário de nascimento hoje comemoramos — LUÍS NICOLÁU FAGUNDES VARELLA.

O poeta sofre. A dor é um crisol, em que se apuram e se cristalizam as suas emoções artisticas, inspirando-lhe páginas das mais comoventes em nossa literatura:

“.. Vejo esparsas
Saudades e perpetuas, sinto o aroma
Do incenso das igrejas, ouço os cantos
Dos ministros de Deus, que me repetem
Que não és mais da terra!”

Convencido que o seu mal é sem cura.

“Ai! nenhum Mago da Caldeia sábia
A dor abrandará que me devóra”,

entrega-se perdidamente à sua vida irregular de boêmio, esquecido da família e do mundo.

Esperdiçando, como um nabábo, o seu talento peregrino, ao contrario de ALVARES DE AZEVEDO, que fôra sempre estudante modelar e jamais se olvidava, em seus devaneios poéticos, de seus deveres escolares, VARELLA se contenta em passear pelos sombrios corredores do mosteiro, a cujo corpo discente se orgulhava em pertencer:

“Póde bem ser que livros não abraisse,
Que não votasse amor à sábia casta,
Mas, tinha o nome inscrito entre os alunos
Da escola de São Paulo, e é o quanto basta” ..

Contam, aliás, que o mesmo acontecia com ANTONIO DE CASTRO ALVES, a quem um antigo mestre de direito civil, nesta Faculdade, teria dito, na banca de exame, sem deixar, contudo, de aprová-lo: “Seu CASTRO ALVES, aprecio muito seus versos; mas, de direito, o senhor não entende”...

É possível mesmo que não entendesse, pois a sua vocação era bem outra. Afagado dos deuses, que lhe deram a efemeridade de uma vida gloriosa, foi, no arrojo de suas hipérboles, o apóstolo da redenção de uma raça, que nêle teve o seu divino cantor.

Aqui chegou, vindo do Recife, no mesmo ano de 1868, em que para esta Faculdade se transferia o terceiro anista RUY BARBOSA e daqui escrevia, a 20 de março, ao seu amigo LUÍS CORNELIO DOS SANTOS: “Estou na Academia, ouvindo o grande JOSÉ BONIFACIO”...

A sua facilidade em compor, que lhe valera delirantes aplausos das platéas, em Pernambuco, nos inspirados improvisos de seu prélio contra TOBIAS BARRETO, creára-lhe uma aura de expectativa, entre os academicos de São Paulo, para os quais

“Sacóde estrofes, qual do rio a garça
Pérolas solta das brilhantes plumas” ..

Encontra aqui ambiente propício para a sua campanha abolicionista e, enquanto o verbo dos estudantes JOAQUIM NABUCO e RUY BARBOSA, nos comícios populares, corta o gelo da indiferença pública, o éstro de CASTRO ALVES despede chispas de fogo, que cégam e estonteiam:

“Sinto não ter um raio em cada verso
Para escrever na frente do perverso:
“Maldição sobre vós!”

E a sua imaginação portentosa faz deslizar sobre as ondas, com a carga miserável, o brigue maldito, em que a ambição de alguns homens conduz entes humanos, para o comercio infamante. É numa sala desta Faculdade, ante um auditorio petrificado pela emoção, que o moço baiano, a frente escampa, revolta a cabeleira leonina, risca o espaço com o látigo de sua apóstrofe incomparável:

“O’ mar, porque não apagas
Com a esponja de tuas vagas
Do teu manto este, borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!” ..

Pobre Cecéu! Não lhe consentiria a fortuna saudar, com os olhos úmidos de emoção, a aurora da libertação dos cativos. A desgraça espreitava-o na primeira curva do caminho e ei-lo que retórna à Bahia, “silencioso e alquebrado”, para morrer. Em vão se conjugam todos os recursos da ciencia e todos os afetos da familia: o gigante caíra, para não mais se levantar

Ele proprio não se ilude, quanto ao destino implacável, que o aguarda:

“ .. De uma cruz ao longe os braços
Vejo abrirem-se ao mísero precito” ..

e o sentimento dos sonhos estiolados, dos entusiasmos arrefecidos, das esperanças fanadas, fá-lo imaginar a inanidade de sua gloria, que nunca poderia supor se alcandorasse aos píncaros a que atingiu:

“Mas quando a terra diz: — Ele não morre”

Responde o desgraçado: — “Eu não vivi!”...

Como te enganavas, meu excelso poeta! Se isto é acaso a morte, nós todos, que nos supomos vivos, desejaríamos também morrer. Que impórta tenha a materia de novo se convertido no pó de que era feita, se os teus versos, candentes, como a flama de tua mocidade, garantem a perpetuidade de teu nome?

E estas lápides de mármore, que hoje repomos em seu sólio, justa reverencia da Faculdade de Direito a tres de seus filhos bem amados, que aqui viveram e sonharam, mostram que o Tempo não póde apagar, na alma das gerações academicas, o facho de idealismo, que aqui entesouramos.

Passam os homens e os dias, transformam-se os costumes e as leis, cáem os muros de taipa, erguem-se as paredes de granito, mas a tradição, que é a nossa força, não morre.

E é por isso que vemos, no dia de hoje, primeiro domingo que se seguiu à data anniversaria da criação dos cursos juridicos no Brasil, como todos os anos acontece, entoarem-se preces, em todos os quadrantes do país, a este templo de civismo e aqui virem, homens de todas as idades e de todas as condições, desde os que já exerceram a mais alta magistratura da República, até os mais humildes servidores da justiça, nesta romagem de afeto ao seio da Academia *mater*, ganhando novo alento para melhor amá-la e servi-la.

Numa réplica à corrida de archotes de Lucrecio, a chama do idealismo não passa aqui das mãos dos velhos e cansados para as mãos dos que são jovens e fôrtes, — *et quasi cursores lampada tradunt*, — mas, acesas, as tochas empunhadas pelos mais moços, não cedem os antigos o ardor, que os impulsiona. E, lado a lado, os que contem-

plam de perto as sombras do crepúsculo e os que têm ainda o sol da manhã a redoirar-lhes a fronte, desfilam ante o altar sacrossanto sobre cujas pedras juraram servir à Patria e ao Direito.

Mas, eis que um frêmito de luz corre o recinto sagrado. Fórmias invisíveis também descem, despida a jaqueta dos efêmeros e revestidas do péplum roçagante dos imortais, deslisam pelo pateo interno e seguem, empunhando a flama inextinguível. Alguns são velhos, encanecidos nas lutas terrenas e estemados de gloria, outros são moços, para quem a vida foi um proêmio inacabado de ilusões que floriaram. Seus pés não tocam a poeira do mundo e, em torno às suas sombras, um halo de luz resplandece. Juntam-se ao séquito daquêles que, representando sessenta e cinco turmas académicas, de 1877 a 1940, trazem hoje um tributo de amor e de fé à velha Academia.

Sobre a ara das recordações de sua juventude, depõem todos um ósculo de saudade. Erguem o olhar para a casa de seu afeto e saúdam reverentes os tres nomes, com que ornamos o friso deste Partenon. E a vossa lembrança, — ALVARES DE AZEVEDO, FAGUNDES VARELLA e CASTRO ALVES, aí fica, no frontespicio desta Faculdade, como sinete de toda a sua grandeza, simbolo de como o seu ideal nunca perece, pois ilumina-o a luz da eterna Poesia!